

Ecolinguística: um novo paradigma para a reflexão sobre o discurso?

Rui Ramos

0. Apresentação

O presente estudo pretende apontar alguns dos tópicos mais marcantes daquilo que vários investigadores designam como um novo ‘ramo da Linguística’: a Ecolinguística. Realiza um percurso que parte das primeiras manifestações da Ecologia da Linguagem / da(a) Língua(s), nos anos 70 do século passado, passa pela emergência da Ecolinguística e da Ecolinguística Crítica dos anos 90 e analisa as interrogações sobre o caminho a adoptar por esta abordagem no início do novo milénio. Identifica diferentes interpretações, pontos de partida teóricos e investigações práticas e procura enquadrá-los no âmbito não restrito da Análise do Discurso, questionando a afirmação desta nova (?) orientação dos estudos em Ciências da Linguagem com um ‘novo paradigma’.

1. A Ecologia da Linguagem / da(s) Língua(s)

1.1 – Em 1970, Einar Haugen apresentou a conferência «The Ecology of Language», na qual se referiu a um novo estudo ‘ecológico’ das interrelações entre as línguas ao nível da consciência individual e ao nível social em comunidades multilingues¹. A noção de ‘ecologia’ integra assim uma metáfora, associando a linguagem / a(s) língua(s) e o ambiente, que corresponde a um contexto, social e natural, em parte psicológico (no que concerne à interacção da língua materna de cada falante bilingue ou multilingue com o(s) outro(s) código(s) linguístico(s) presente(s) na sua mente) e em parte sociológico (no que concerne à interacção da língua com a sociedade na qual funciona como meio de comunicação)².

O artigo em referência ilustra a posição de Haugen com uma série de exemplos de características internas de várias línguas e de aspectos do seu funcionamento em interacção. E aponta dez questões ‘ecológicas’ para cada língua em estudo:

¹ Segundo Haugen, «language ecology may be defined as the study of interactions between any given language and its environment» (2001 (1972): 57).

² «The true environment of a language is the society that uses it as one of its codes» (Haugen, 2001 (1972): 57).

- 1 – Qual é a sua *classificação* relativamente às outras línguas? (a resposta será dada pela *Linguística histórica e descritiva*);
- 2 – Quem são os seus *utilizadores*? (trata-se de uma questão de *Demografia linguística*, relativa aos aspectos de localização geográfica, classe sociocultural, religião ou outras dimensões relevantes da organização dos grupos sociais);
- 3 – Quais são os seus *domínios* de uso? (é uma questão de *Sociolinguística* e remete para a definição de usos restritos ou difundidos);
- 4 – Que *línguas concorrentes* são utilizadas pelos seus falantes? (Haugen chama a isto um problema de *Dialinguística*, que identificaria os graus de bilinguismo e de sobreposição verificável ente as línguas);
- 5 – Quais são as *variedades internas* que a língua conhece? (assunto de *Dialectologia*, que identificaria dialectos regionais e sociais);
- 6 – Qual é a natureza das suas *tradições escritas*? (uma tarefa para a *Filologia*, pelo estudo dos textos escritos e a sua relação com a fala);
- 7 – Qual é o grau de *normalização* (de unificação e de codificação) da sua forma escrita? (tarefa da *Linguística prescritiva*, dos gramáticos e dos lexicógrafos tradicionais);
- 8 – Que tipo de *suporte institucional* lhe é atribuído, ao nível do Governo, da Educação, das organizações privadas, para regular a sua forma ou para a difundir? (o estudo *glotopolítico*);
- 9 – Quais são as *atitudes* dos falantes relativamente à língua, que capacidade de identificação lhe atribuem? (tópico do campo da *Etnolinguística*);
- 10 – Qual é o seu estatuto numa *tipologia ecológica*? (que esclarecerá sobre qual o lugar de cada língua relativamente às outras línguas do mundo).

Algumas destas questões são relativamente vagas, mas contribuem para uma imagem de integração interdisciplinar, de consideração de dimensões do uso e, enfim, de uma perspectiva ‘ecológica’ na descrição de cada língua.

1.2 – Ao longo da década e nas décadas seguintes, a metáfora ecológica viu alargado e intensificado o seu âmbito ao nível dos estudos das Ciências da Linguagem. De facto, a Pragmática Linguística e a Análise do Discurso, a Linguística Teórica, as investigações em Língua e Ensino e outros ramos da Linguística descobriram a utilidade e a aplicação de parâmetros que podem ser classificados como ‘ecológicos’, como as interrelações, o ambiente / contexto e a diversidade³. Mas foi o acto inicial haugeniano, uma espécie de *termo a quo*, que definiu uma nova abordagem de questões linguísticas onde a Ecologia representava, a níveis diversificados, papel basilar⁴.

Tal orientação encontra-se em linha com o que se passa em outras áreas científicas: nos últimos anos, as Ciências da Vida vêm apontando para o facto de, no mundo natural, os animais e as plantas estarem organizados em redes de equilíbrio dinâmico e não em estruturas hierárquicas lineares, interagindo num todo que decorre da existência de cada indivíduo, sofrendo modificações pela acção de cada um deles, mas fazendo reverter essa acção (ou consequências dela) sobre o próprio agente. Além disso, a consideração das estruturas em rede exige que o estudo de um elemento de um ecossistema tenha em conta, necessariamente, todo o ecossistema, tanto elementos do mesmo tipo, como outros, que integram e constituem o todo, assim como as condições externas (como o clima, por exemplo), não como partes dissociadas do mesmo conjunto, mas numa perspectiva holística, integrada.

1.3 – São, no essencial, estas ideias que estão na base da metáfora empregada por Haugen, que pretende aplicar os mesmos princípios de consideração das interrelações dos indivíduos entre si e destes com o seu meio natural, de abertura aos contextos de uso da(s) língua(s) e de diversidade de formas de conceptualização e de expressão verbal ao estudo das línguas, em particular à questão da diversidade linguística (e ao problema da morte de línguas) e à relação

³ Diga-se, contudo, que outros investigadores reconhecem o papel das interrelações, do contexto, da diversidade, etc., como factores a não subestimar na descrição da língua em uso, sem, contudo, evocarem explicitamente a metáfora ecológica.

⁴ A ideia de unir metaforicamente a Linguagem e a Ecologia, contudo, não é completamente nova: já Sapir (2001 (1912)) havia antes identificado o elo a unir as duas realidades. Naturalmente, na altura da produção e publicação original do texto de Sapir, a noção de ‘ambiente’ estava longe de corresponder ao seu sentido actual. Porém, este é o primeiro texto de um linguista a recusar, do ponto de vista metodológico, o princípio da imanência e a estabelecer uma relação entre a Natureza e a língua.

entre linguagem e ambiente (com as suas implicações de poluição, desaparecimento de espécies e degradação ambiental).

Na mudança de milénio, poderá encontrar-se um reavivar do interesse por esta temática. A metáfora ecológica continua a ser produtiva, nomeadamente no estudo de línguas minoritárias⁵ ou dos espaços de confluência de línguas variadas, como a Melanésia ou certas regiões africanas⁶.

A preservação da variedade linguística, alinhada com a preservação da diversidade biológica, é assumida como objectivo a cumprir, pela identificação dos factores ecológicos que sustentam a pluralidade de línguas, pluralidade que se apresenta como suporte da diversidade / identidade biológica e cultural e que, como tal, está longe de ser algo indesejável. Constituindo-se cada língua como uma interpretação de um mundo cuja complexidade é reconhecida, a única forma de o compreender é abordá-lo de tantas perspectivas quantas for possível fazê-lo; considerando cada língua como o resultado de um longo processo de conhecimento do mundo, conclui-se que a diversidade linguística será de inestimável interesse e não um entrave ao progresso.

Fill refere, num texto de 1999 (publicado em 2000), manifestando a vertente interventiva desta Ecologia da Linguagem / da(s) Língua(s):

As we approach 2000, language ecology of the Haugenian tradition more and more concerns itself with the situation of many of the world's languages, which parallels that of many species of animals and plants, i. e., **the danger of becoming extinct!** The ecology of language(s) thus merges with the movement for the salvation of endangered languages, which is gaining strength as the turn of the century approaches (2000: 163).

Assim fica claramente patente o desejo de intervenção, no sentido de tentar salvar do desaparecimento línguas ameaçadas de extinção, tal como a confiança no poder da palavra na modelação do mundo. Contudo, as línguas não se salvam por decreto, ou pela edição de estudos: salvam-se se forem faladas, se houver populações que lhes dêem vida, pela concretização em discurso. Assim, todos os esforços da comunidade científica podem ser vãos, se os povos deixarem de reconhecer utilidade no uso de certas línguas, ou de certas variantes das línguas.

⁵ Cf.: por exemplo, Krier, 1996; Calvet, 1999; Nelde, 2000.

⁶ Cf.: por exemplo, Glausiusz, 2001 (1997); Laycock, 2001 (1991).

Este desígnio e esta orientação teórica não se esgotaram naquela década: neste tempo de início de milénio, com o avanço tecnológico a quebrar fronteiras e a permitir a comunicação planetária massificada, favorecendo mais do que nunca a instalação de uma língua franca universal, continua activo e dinamizador o desejo de preservação linguística e, à semelhança da defesa da diversidade biológica, vários linguistas⁷ defendem a diversidade linguística e cultural como um bem em si, contrariando os fundamentos ideológicos sobre os quais se criou o castigo bíblico de Babel.

2. Ecolinguística

Um outro resultado da transferência de conceitos, princípios e métodos da Ecologia (no sentido biológico) para o estudo da língua manifestou-se naquilo que se refere como Ecolinguística. A sua emergência data do início dos anos 90 do século XX, quando «all the different approaches which in some way link the study of language with ecology were brought together, and a unified – though still diverse – branch of linguistics was established, which was called ecolinguistics» (Fill & Mühlhäusler (eds.), 2001: 1)⁸.

Vários investigadores têm usado a metáfora ambiental para mostrar a língua e o seu uso na sua interacção com o ambiente (aqui entendido como o mundo, os estados de coisas e os sujeitos). Esta perspectiva de trabalho opõe-se a uma concepção imanentista do estudo do sistema linguístico e trata-se, nas suas dimensões centrais, de um estudo do uso linguístico, em particular de discursos que tocam a questão ambiental, enquadrável naquilo que é definido como a Análise do Discurso, na sua concepção mais ampla. Contudo, muitos dos investigadores que se reclamam deste campo restringem a sua análise ao nível lexical formal e ignoram as dimensões discursivas / textuais dos produtos linguísticos.

Fill afirma que «ecolinguistics is a study which goes far beyond syntax, semantics and pragmatics» (2001 (1998): 51), exigindo novas abordagens teóricas e investigações empíricas. E define algumas tarefas básicas a desenvolver:

⁷ Cf.: Mühlhäusler (2000, 2001 (1994)), Bastardas-Boada (2002), por exemplo.

⁸ Note-se, contudo, que outros linguistas, como Coupland, N. e Coupland, J. afirmam que «there is as yet no consensus on how the term ‘ecolinguistics’ should be applied» (1997: 7) e, assim, sugerem que a designação seria apropriada a uma perspectiva crítica que abordaria as dimensões semânticas das expressões usadas para representar linguisticamente o ambiente natural, assim como as práticas e políticas com ele relacionadas.

- a apresentação de teorias linguísticas apropriadas;
- o estudo do sistema linguístico e dos textos;
- o estudo de características linguísticas universais relevantes para a questão ecológica;
- o estudo de características específicas de cada língua (abrindo a possibilidade de abordagens contrastivas);
- o estudo do papel da linguagem verbal na aquisição da ‘ecoliteracia’⁹, i. e., o ensino do pensamento ecológico a crianças e adultos.

Noutro texto, Fill (2000) perspectiva o desenvolvimento da Ecolinguística para além da mudança de milénio, retomando os seus princípios elementares, que enumera e descreve da seguinte forma:

- recognizing, defending DIVERSITY (the overall principle)
 - recognizing MUTUAL INTERACTION
 - perceiving WHOLENESS and UNITY rather than fragmentation
- The formula “diversity + interaction = wholeness and unity” can be said to summarize ecological thinking (2000: 162).

Apresenta igualmente os tópicos mais salientes entre os que são abordados pelos ecolinguistas:

- a diversidade linguística (causas, formas, funções e consequências);
- línguas em risco (documentação e resgate de línguas minoritárias e em risco);
- a relação entre a diversidade biológica e a diversidade linguística / cultural;
- ecocrítica: identificação dos elementos ‘ecológicos’ ou ‘não-ecológicos’ do sistema linguístico; processos de ecologização profunda da língua;
- análise ecocrítica do discurso: textos sobre questões ambientais; ideologias no discurso (apologia do crescimento, antropocentrismo, racismo, sexismo...); processos de ecologização superficial da língua;

⁹ Cf.: Capra, 2002.

– ensino da ecoliteracia (do conhecimento sobre a intercomunicabilidade do mundo);
estabelecimento de teorias linguísticas fundamentadas em princípios ecológicos.

Ao abordar a questão da existência de elementos ‘ecológicos’ e ‘não-ecológicos’ no sistema da língua, Fill aponta três tópicos de reflexão:

- até que ponto o sistema linguístico incorpora estes elementos;
- quais os limites da capacidade destes factos linguísticos para influenciar o modo de pensar e agir dos indivíduos;
- como pode a língua ser usada para construir uma visão do mundo que seja menos antropocêntrica e mecanicista e se torne tendencialmente biocêntrica.

As concretizações destas orientações apresentam-se consideravelmente variadas, sendo largo o leque de produções discursivas / textuais adoptadas como objecto de análise pelos investigadores, seja numa perspectiva que se reclama mais isenta, seja numa mais assumidamente militante.

3. Ecolinguística Crítica

3.1 – Paralelamente, surgiu uma vertente ecolinguística fortemente empenhada na luta pelo desmascarar da ecologização profunda ou superficial do discurso, entre outros objectivos: a Ecolinguística Crítica.

A linha de rumo da Análise Crítica do Discurso terá dado algum suporte a esta abordagem, mas pode identificar-se uma diferença significativa entre ambas: enquanto a primeira define como objecto o ‘discurso’, incorrendo, naturalmente, e em consequência disso, na consideração e análise da ‘língua’, a Ecolinguística Crítica explora em planos de relevo semelhante a ‘língua’ e o ‘discurso’, considerando que é aquela que, em muitas manifestações discursivas, configura um discurso não ecológico, favorecendo visões antropocêntricas do mundo e a separação e ascendência dos seres humanos face aos restantes seres vivos. Assim, são identificáveis na Ecolinguística Crítica duas linhas de orientação: a par de uma linha que elege o sistema linguístico como objecto privilegiado de estudo, há uma outra que visa a análise discursiva e textual das manifestações verbais.

3.2 – A conferência «New Ways of Meaning. The Challenge to Applied Linguistics», apresentada por Halliday num evento da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), em 1990, configura-se como marco de referência fundamental neste campo, na medida em que focalizou um novo laço entre língua e ambiente, ao sugerir aos especialistas em Linguística Aplicada uma particular atenção ao papel da língua no desenvolvimento dos problemas ambientais. Assim, para Halliday, a Ecologia é (sobretudo) entendida no sentido biológico e deve ser investigado o papel da língua no desenvolvimento e na intensificação dos problemas ambientais e sociais, concebendo essa investigação como um factor não negligenciável nos esforços para a sua desejada solução.

No seu artigo, Halliday adopta o construtivismo linguístico, que considera que a linguagem não reflecte passivamente a realidade, mas a cria activamente: «the categories and concepts of our material experience [...] are construed by language, at the intersection at the material with the symbolic. Grammar [...] is thus a theory of human experience. It is also a principle of social action» (2001 (1990): 179)¹⁰. Portanto, para o linguista, a linguagem tem o poder de modelar a nossa consciência, e fornece a cada indivíduo a teoria que subjaz à sua interpretação e manipulação das coisas e dos seus estados.

A sua posição crítica manifesta-se, entre outros aspectos, na denúncia de uma apologia irreflectida do crescimento: as mensagens que continuamente nos atingem, em particular pelos *media*, afirmam que «growth is good. Many is better than few, more is better than less, big is better than small, grow is better than shrink, up is better than down. Gross National Products must go up, standards of living must rise, productivity must increase» (idem, *ibidem*: 192)¹¹.

Halliday acrescenta que esta visão dos estados de coisas não é sustentável, e refere explicitamente a exploração irreflectida e exagerada a que o homem sujeita os recursos naturais, as energias fósseis, a água potável, os solos aráveis, etc. Especifica que, enquanto está a

¹⁰ Coupland, N. e Coupland, J. sublinham também que «language is the medium through which ecological knowledge is fabricated, developed, transmitted and understood» (1997: 7); Harré *et al.* reforçam: «language is the instrument through which we acquire knowledge about the environment and through which we can create, sustain or change attitudes toward it» (1999: 173); Fill refere o «“ecoconstructivism” of language», que explica como «the way language construes the world in the ontological domain of life in an environment» (2002: 15).

¹¹ Note-se que, sem contrariar frontalmente esta posição, uma adaptação ao Português dos exemplos apresentados pelo linguista não permitiria tão facilmente dar a ver o fenómeno apontado para a língua inglesa.

consumir, o homem está a destruir – outras espécies ou o planeta em si mesmo, pelo aquecimento global, a destruição do ozono nas camadas altas da atmosfera, as chuvas ácidas, a explosão demográfica ou o envenenamento (é este o termo utilizado) geral.

Esquemáticamente, pode afirmar-se que:

a) nas línguas ocidentais, os recursos naturais são configurados como nomes não contáveis ('a água', 'a energia', 'o ar', etc.), o que sugere um carácter inesgotável e não favorece usos racionais;

b) nos pares de contrários ou de complementares, como grande / pequeno, alto / baixo ou rápido / lento, a lógica do crescimento impõe-se e o termo que lhe está associado recebe a conotação neutra ou positiva;

c) estas línguas apresentam alguma resistência em aceitar agentes não humanos e «the only environment where inanimates regularly figure as agents is in catastrophic contexts, where (at least if they are big enough) they can become Actor in a process of the 'destroy' subcategory of material processes» (idem, ibidem: 194);

d) a posição de relevo atribuída pela língua ao homem é manifestada, em Inglês, pelo sistema pronominal ('he / she' normalmente para entidades conscientes, 'it' para entidades não conscientes), o que resulta na inaceitabilidade de muitas construções para animais e plantas, contrariando, como Halliday lembra, a hipótese de Gaia, que concebe a Terra como um ser consciente. Naturalmente, esta dicotomia fundada sobre a diferenciação realizada pelo sistema pronominal não é passível de ser transposta para a língua portuguesa, apesar de o relevo assumido pelo homem em sistemas deícticos e metafóricos também poder ser identificado em Português.

Halliday afirma ainda que, segundo alguns cientistas, o homem está perante uma crise consideravelmente profunda: o risco de destruição de todo o planeta enquanto espaço habitável – o que, refere, é passível de constituir objecto de estudo linguístico, como espaço / tópico de (des)construção da realidade através do sistema linguístico (e, naturalmente, do uso do sistema, poderia acrescentar-se). Parece também poder identificar-se uma atitude interventiva, crítica (num sentido que enfatiza os implícitos pragmáticos de sugestão / injunção da crítica, orientando-se para a reparação e mudança de atitude e de acção), muito pro-activa no discurso do linguista.

Encerra o seu texto elencando alguns tópicos que os linguistas podem e devem considerar: «classism, growthism, destruction of species, pollution and the like – are not just problems for the biologists and physicists. They are problems for the applied linguistic community as well» (idem, *ibidem*: 199).

3.3 – A dimensão empenhada é manifestada por muitos ecolinguistas, a diferentes níveis ou com diferentes graus. Delavigne (1994), Kahn (2001 (1992)), Shultz (2001 (1992)) ou Trampe (2001 (1991)), por exemplo, analisam um tópico relativamente recorrente: o funcionamento de eufemismos no discurso ambiental.

O mesmo se passa com Chawla (2001 (1991)), que veste a pele de ambientalista (sem despir a de linguista) e permite a presença no seu texto de considerações deônticas e valorativas; com Neuwirth (2002), que refere explicitamente o papel da Ecolinguística na desconstrução de mentiras e de meias verdades, da propaganda e dos mitos e afirma o seu papel empenhado na luta ambiental; com Penman (2001 (1994)), que se assume como investigador e como produtor agrícola ‘ecológico’; ou ainda com Berman 2001 (1994), que se afirma com a exuberância típica do Ecofeminismo Crítico para denunciar a dominação das mulheres e da Natureza estruturada numa visão do mundo androcêntrica, manifestada por / construída sobre uma linguagem patriarcal.

Goatly analisa a sugestão de fragmentação do mundo decorrente da organização interna da língua, ao dividir as entidades em Agentes, Participantes e Circunstâncias, enquanto concepções marcadas pelo ecologismo se orientam para uma visão holística do mundo¹². Assume frontalmente que «ordinary language, especially the transitive clause, is inadequate to the representation of the world demanded by modern scientific theory, especially ecological theory» (2001 (1996): 203)¹³. Como outros ecolinguistas críticos, não se limita à descrição do objecto que

¹² Goatly (2002), num outro artigo, analisa a representação da Natureza na ‘BBC World Service Radio’. Trata-se de um texto que se reclama da Análise Crítica do Discurso e assume explicitamente que a língua que os indivíduos usam os predispõe para interpretar, pensar e agir de uma determinada forma, assim como torna mais difícil perceber e pensar de formas alternativas.

¹³ CF.: Trampe, 2001 (1991).

toma em análise, mas assume um propósito interventivo: sugere modos de tornar os recursos do sistema linguístico mais adequados, ou uma gramática mais ‘verde’¹⁴.

4. Definição pelo objecto de estudo / princípio metodológico

4.1 – De acordo com as afirmações produzidas em alguns textos tendencialmente mais teóricos e / ou de síntese e as abordagens práticas das quais foi possível recolher informação, poderá integrar-se a Ecolinguística numa acepção ampla da Análise do Discurso.

De facto, apesar de algumas divergências quanto aos fundamentos teóricos de partida, o que há de comum é o princípio metodológico transdisciplinar e inclusivo, ou seja, ‘ecológico’, assim como a recusa do princípio da imanência e a defesa do transfrásico / discursivo na definição do sentido dos produtos verbais, integrando um dos grandes paradigmas identificáveis nos estudos linguísticos modernos: o que Fonseca (1994a) designa como Linguística do Uso / Funcionamento dos Discursos.

Este princípio metodológico, alicerçado numa perspectiva teórica alargada sobre a compreensão dos fenómenos da linguagem, parece ser suplantado (mas não contestado ou anulado) pela coerência do objecto de estudo. De facto, com alguma frequência é possível encontrar, entre os textos dos ecolinguistas, uma definição do campo pelo objecto de estudo: o discurso ambiental. Esta atitude pode ser contestada e considerada um mau princípio, mas está longe de ser caso único¹⁵. Por outro lado, há quem reconheça que, trabalhando em *corpora* específicos, muitos investigadores acabam por constituir uma identidade própria: «some types of corpora have been studied for many years in the academic field and give a strong identity to the groups who study them. One can mention the research about *political discourse*, quite typical of early French discourse analysis» (Maingueneau, 2002: 271).

¹⁴ Também Chawla (2001 (1991)), comparando aspectos de línguas ameríndias com o Inglês, defende que esta língua tende a conceber os recursos naturais e a existência em geral de forma isolada, fragmentando a realidade, e não holisticamente, o que não favorece uma visão biocêntrica do mundo; esta opinião é subscrita por Penman: «our talk is vague, undifferentiated, limited, and not conducive to our likely ‘environmental needs’» (2001 (1994): 147); Harré *et al.* afirmam igualmente que «environmental discourse is characterized by a fundamental inadequacy of fit between its content and its form. There is a fundamental mismatch between the problems to be tackled and the linguistic resources for dealing with them» (1999: 178).

¹⁵ Vejam-se os ‘Estudos Portugueses’, os ‘Estudos Europeus’, os ‘Estudos sobre as Mulheres’ ou os ‘Estudos da Criança’, por exemplo, que privilegiam a interdisciplinaridade à definição ortodoxa de campos autónomos e indiscutivelmente coesos.

4.2 – Porém, afigura-se pertinente lembrar que há quem aborde o discurso ambiental no âmbito da Linguística, reclamando-se da Análise do Discurso, e o faça, genericamente, dentro dos mesmos padrões que os ecolinguistas, sem nunca se referir à Ecolinguística. Entre uns e outros, é perfeitamente possível identificar algumas semelhanças nos princípios teóricos, no tratamento dos materiais linguísticos e mesmo em certos aspectos bem concretos da análise, nomeadamente na preocupação intensa (quase exclusiva) pelo / num ponto de partida lexical, ignorando as dimensões discursivas e textuais do ambientalismo. Isto é particularmente visível em vários investigadores do que poderá chamar-se a ‘escola francesa de Análise do Discurso’¹⁶.

4.3 – Será ainda de apontar que alguns ecolinguistas não se restringem à análise do discurso ambiental mas, continuando a identificar-se como tal, abordam outro tipo de produtos verbais, que nada (ou muito pouco) têm a ver com o discurso sobre o ambiente, colocando-se à margem do grupo que define o campo pelo objecto de estudo e privilegiando, na sua definição, o princípio metodológico. É, claramente, o caso de Makkai (1993, 2002), para quem o conceito de Ecolinguística está longe de corresponder unicamente a uma abordagem do discurso do ambientalismo, mas focaliza particularmente um horizonte teórico e um quadro de possibilidades metodológicas; é também o caso de Døør e Bang (2002), que desenvolvem uma abordagem integradora, intersubjectiva e textual, não dedicada exclusivamente ao discurso verde, estabelecendo laços muito próximos com a Medicina e a Biologia. Outros investigadores que partilham a mesma orientação afirmam:

Ecolinguistics is about language as a whole, i. e., in its pragmatic, semantic, syntactic, morphologic, phonetic, etc. dimensions. It is a vital concern for ecolinguistics to provide a healthy basis for thinking and communicating about language – not just to apply some traditional linguistic artifacts to a given problematic (Bundsgaard & Steffensen, 2002: 447).

Outros ainda acrescentam que «as trans-scientific researchers we have considered ecolinguistics to be an approach to text analysis, which is not exclusively reserved to linguists»

¹⁶ Cf.: Mouriaux e Villanueva (1994), Cheriguen (1994), Petiot (1994), Périchon (2000), por exemplo.

(Lindø & Simonsen, 2002: 460). Como pode comprovar-se, trata-se de interpretações parcialmente divergentes desta orientação investigativa, mas sempre assumindo princípios fundamentais comuns.

Finalmente, note-se que Weinrich aponta que, para as mais recentes manifestações de sistemas linguísticos teóricos, é evidente que é necessário, para cada conceito do sistema, considerar o contexto / ambiente do próprio sistema. Traça assim o autor a crítica ao estudo linguístico que se desenvolve estritamente dentro dos limites da Linguística do Sistema e que assume o princípio da imanência e a não consideração dos contextos (e da enunciação) como condições fundamentais da cientificidade da investigação. Acrescenta que a Linguística se vem desenvolvendo em direcção a uma definição mais abrangente do seu campo do que a configurada pela Linguística do Sistema, «– a development that can be epitomized by mentioning the key words text linguistics, pragmatics, sociolinguistics and discourse analysis» (2001 (1990): 94). É neste sentido que Weinrich entende que os desenvolvimentos recentes da ciência da linguagem se orientam para a concepção de um pensamento ecologicamente determinado.

4.4 – Como última nota de reflexão, pode apontar-se o facto de, numa interpretação um tanto forçada, a concepção mais abrangente de Ecolinguística poder abarcar um vastíssimo campo, praticamente correspondente ao da Análise do Discurso, na sua concepção global e nos traços gerais que a definem, pelo que a generalidade dos analistas do discurso estariam, um pouco à imagem da velha personagem que ‘fazia prosa’ sem o saber, a ‘fazer Ecolinguística’. Nesse caso, se se pudesse apontar uma sobreposição praticamente absoluta entre Análise do Discurso e Ecolinguística, pelo menos duas leituras seriam possíveis: ou esta corresponderia a um uso tendencialmente abusivo (porque manipulador, oculto e desviante) da terminologia ‘ecológica’, correspondendo à ‘ecologização superficial do discurso’ verberada por vários investigadores, não passando da superficialidade de nova designação para entidade velha; ou corresponderia a uma efectiva visão moderna, diferenciada, do estudo do papel da língua na construção do mundo, potenciando uma consciência aprofundada da rede de interacções que cada acto, verbal ou não verbal, desencadeia, na sua existência ‘ecológica’, considerado em todos os seus momentos preparatórios, performativos e de pós-realização, entendido como manifestação de um ser social e acção de um indivíduo concreto sobre o seu meio físico e cultural, os outros indivíduos e, em

última instância, sobre si mesmo. Neste sentido, uma nova referenciação poderia corresponder à percepção do real de forma diferente, num novo enquadramento, numa nova relação com os restantes elementos do sistema modelizante primário, agora iluminados de novo ângulo e, por isso, ganhando novas formas, outros reflexos e diferentes sombras.

Com certeza, o tempo permitirá esclarecer algumas dúvidas sobre as fronteiras deste campo de investigação.

5. Bibliografia

- Aubé-Bourligueux, J. *et al.* (eds.), 1996, *Le fait culturel régional*, Vol. I, Nantes, CRINI
- Bastardas-Boada, A., 2002, “The Ecological Perspective: Benefits and Risks”, in Fill, A. *et al.* (eds.), pp. 77-88
- Berman, T., 2001 (1994), “The Rape of Mother Nature? *Women in the Language Of Environmental Discourse*” in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 258-269
- Bundsgaard, J. & S. Steffensen, 2002, “The Dialectics of Ecological Morphology”, in Fill, A. *et al.* (eds.), pp. 435-448
- Calvet, L.-J., 1999, *Pour une écologie des langues du monde*, Paris, Plon
- Capra, F., 2002, *A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*, São Paulo, Cultrix
- Chawla, S., 2001 (1991), “Linguistic and Philosophical Roots of Our Environmental Crisis” in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 115-123
- Cheriguen, F., 1994, “Antropo-toponymie et désignation de l’ ‘environnement politique’”, *Mots*, n° 39, pp. 93-98
- Coupland, N. & J. Coupland, 1997, “Bodies, beaches and burn-times: ‘environmentalism’ and its discursive competitors”, *Discourse and Society*, vol. 8, n°1, pp. 7-25
- Delavigne, V., 1994, “Les discours institutionnels du nucléaire. Stratégies discursives d’euphorisation”, *Mots*, n° 39, pp. 53-68
- Døør, J. & J. Chr. Bang, 2002, “Ecology, Ethics and Communication. An Essay in Eco-Linguistics”, in Fill, A. *et al.* (eds.), pp. 415-433

- Fill, A., 2000, "Language and Ecology: Ecolinguistic Perspectives for 2000 and Beyond", in *Proceedings of AILA '99, Tokyo*, pp. 162-176
- Fill, A., 2001 (1998), "Ecolinguistics: State of the Art 1998", in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 43-53
- Fill, A., 2002, "Tensional Arches: Language and Ecology", in A. Fill *et al.* (eds.), pp. 15-27
- Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), 2001, *The ecolinguistics reader. Language, ecology and environment*, London / New York, Continuum.
- Fill, A. *et al.* (eds.), 2002, *Colourful Green Ideas. Papers from the Conference '30 years of language and ecology' (Graz, 2000) and the Symposium 'Sprach und Ökologie' (Passau, 2001)*, Bern / Berlin / Bruxelles / Frankfurt am Main / New York / Oxford / Wien, Peter Lang
- Fonseca, J., 1994, *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*, Porto, Porto Editora
- Fonseca, J., 1994a, "O lugar da Pragmática na Teoria e na Análise Linguísticas", in Fonseca, J., 1994, pp. 95-104
- Glausiusz, J., 2001 (1997), "The Ecology of Language. Link between Rainfall and Language Diversity", in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 165-166
- Goatly, A., 2001 (1996), "Green Grammar and Grammatical Metaphor, or Language and Myth of Power, or Metaphors We Die By", in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 203-225
- Goatly, A., 2002, "The representation of nature on the BBC World Service", *Text* 22 (1), pp. 1-27
- Halliday, M. A. K., 2001 (1990), "New Ways of Meaning: The Challenge to Applied Linguistics" in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 175-202
- Harré, R. *et al.*, 1999, *Greenspeak. A Study of Environmental Discourse*, Thousand Oaks / London / New Delhi, Sage
- Haugen, E., 2001 (1972), "The Ecology of Language", in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 57-66
- Kahn, M., 2001 (1992), "The Passive Voice of Science. *Language Abuse in the Wildlife Profession*" in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 241-244
- Krier, F., 1996, "Esquisse écolinguistique du galicien", in Aubé-Bourligueux, J. *et al.* (eds.), pp. 53-61

- Laycock, D. C., 2001 (1991), "Linguistic Diversity in Melanesia. A Tentative Explanation", in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 167-171
- Lindø, A. V. & S. S. Simonsen, 2002, "An Ecolinguistic Reading of a Scientific Text on Psychoneuroimmunology", in Fill, A. *et al.* (eds.), pp. 449-461
- Mainueneau, D., 2002, "Foreward", *Discourse Studies*, 4 (3), pp. 267-275
- Makkai, A., 1993, *Ecolinguistics. ¿Toward a New **Paradigm** for the Science of Language ?*, London, Pinter Publishers, Ltd, pp. 1-13
- Makkai, A., 2002, "The Role of the Human Voice in the Eco-Semantics of Human Interaction", in Fill, A. *et al.* (eds.), pp. 219-236
- Mouriaux, R. & C. Villanueva, 1994, "Les syndicats français face à l'écologie de 1972 à 1992", *Mots*, n° 39, pp. 36-52
- Mühlhäusler, P., 2000, "Language Planning and Language Ecology", *Current Issues in Language Planning*, 1:3, pp. 306-367
- Mühlhäusler, P., 2001 (1994), "Babel Revisited", in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 159-164
- Nelde, P. H., 2000, "Identity among bilinguals: an ecolinguistic approach", *Estudios de Sociolingüística*, 1 (1), pp. 41-46
- Neuwirth, G., 2002, "Eco-Linguistics – Going Beyond the Text", in Fill, A. *et al.* (eds.), pp. 361-371
- Penman, R., 2001 (1994), "Environmental Matters and Communication Challenges" in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 143-153
- Périchon, B., 2000, "Les discours verts... ou teintes de vert", in Tovar, J. J. B. *et al.* (eds.), pp. 2391-2403
- Petiot, G., 1994, "Les mots de l'écologie", *Mots*, n° 39, pp. 69-78
- Sapir, E., 2001 (1912), "Language and Environment", in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 13-23
- Schultz, B., 2001 (1992), "Language and the Natural Environment", in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 109-114
- Trampe, W., 2001 (1991), "Language and Ecological Crisis. Extracts from a Dictionary of Industrial Agriculture" in Fill, A. & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 232-240

Weinrich, H., 2001 (1990), “Economy and Ecology in Language”, *in* Fill, A & P. Mühlhäusler (eds.), pp. 91-100

Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho
Av. Central, 100 – 4710-221 Braga
rlramos@iec.uminho.pt
www.rui-ramos.web.pt